

A cidade e sua memória: as trajetórias dos “amadores da história” e suas leituras de Campinas (1927-1980)¹

Flávio Carnielli – PPG-UNICAMP

Entre as décadas de 1930 e 1970, Campinas atravessou um período de profundas mudanças estruturais nos bairros centrais e muitos dos marcos arquitetônicos que definiam a região (e, por que não, a cidade) são colocados abaixo. Transformação esta que a bibliografia classifica como “passagem” ou “ruptura”: da cidade de taipa para a cidade de concreto, da cidade rural e comercial para a cidade industrial etc.²

Ou seja, mais do que uma mudança física, a cidade atravessou um grande processo de transformações socioeconômicas, com a chegada de migrantes de outras regiões do país, tendo que ser reconfigurada espacial e, portanto, fisicamente.

Essas transformações geraram uma percepção de “mudança dos tempos”: a cidade, alvo do afamado/maldito progresso, adquire, aos olhos e ao sabor de quem a contemplava e a vivia, cada vez mais ares de “metrópole”, em oposição à cidade provinciana. Na literatura sobre a história urbana, esse tipo de mudança é sempre ressaltado e dá ensejo, a partir dessa ruptura, para alguns tipos de leitura do passado.

Surge então na cidade uma espécie de “febre de história” e preservação do passado. A partir deste momento, começa a se ter maior interesse em Campinas, em monumentalizar marcos remanescentes e preservar na memória, “a cidade que não mais existe”.³

As revistas e jornais passam quase que obrigatoriamente a ter em seus quadros cronistas que falam sobre a história de Campinas; são encomendados álbuns de fotografias, elaboradas monografias históricas da cidade, o culto à memória dos campineiros “importantes”, em especial Carlos Gomes, é intensificado e começam a surgir inúmeras outras comemorações. Tudo no sentido de preservar e celebrar, tanto o passado como o presente.

Há, desta forma, cada vez mais espaço para historiadores, cultuadores do passado, cronistas, enfim, quem estivesse interessado em vasculhar os desorganizados arquivos da cidade e também sua própria memória em busca de um passado que fosse ao mesmo tempo exemplar e

único, *próprio da cidade*, que a celebrasse praticamente como uma nação ou como mola propulsora da nação brasileira e que acima de tudo legasse à posteridade aquilo que Campinas tinha sido.

É nesse momento que Jolumá Brito, Júlio Mariano e José de Castro Mendes se consolidam como estudiosos da história da cidade. Seus trabalhos intensificam-se nesse período, gerando, na década de 1970, uma enxurrada de publicações nos mais diversos meios de comunicação (jornais, rádios e livros) e nos mais diversos formatos – textuais, orais, iconográficos e museológico – culminando em uma superexposição e em diversas leituras do passado urbano.⁴

Um dos objetivos da dissertação é discutir a produção desses “amadores da história”, em especial aquelas que voltam suas atenções para essa cidade que “não mais existe”, o que se torna muito perceptível nos trabalhos que remetem principalmente a um período vivido (ou muito próximo do vivido) por eles em Campinas, quando suas experiências enquanto “seres urbanos” aparecem com muita força.

Como jornalistas que foram durante muitos anos, compuseram leituras peculiares do urbano para tentar explicar o que estava acontecendo em Campinas, em especial descrevendo aquilo que a cidade “havia sido”; leituras essas carregadas de suas próprias trajetórias na cidade, onde o afeto, a pertença e a necessidade (comum nos estudos de história local) de provar o “grande amor” por Campinas são constantes.

Espalhadas por diversas colunas e alguns livros, as “reminiscências” compõem um estilo diversificado de narrativa histórica e, em livros ou em seções de longa duração nos jornais e nas rádios, como “Retratos da Velha Campinas”, “Efemérides Campineiras”, “Nas entrelinhas do tempo”, “Documentário de duas épocas”, “Campinas de ontem”, “Campinas de ontem, mundo de amanhã”, “Campinas de há 50 anos” e “Carnaval da Saudade”, além de muitas outras, a Campinas antiga é rememorada de maneira singular por esses autores.

Como diz Pierre Nora, “a obrigação em lembrar faz de cada homem o historiador de si”; uma vez que a memória espontânea não mais existe, cabe à história enquanto operação intelectual construir marcos e eleger símbolos que tornem o passado mais próximo, palpável. Essa “obrigação de rememorar” e de produzir histórias é portanto uma necessidade social e também individual e, no caso dos textos produzidos pelos autores enfocados, estas duas unem-se de maneira única.⁵

Curioso nesse sentido é constatar que na produção enfocada o rigor metodológico da pesquisa histórica - herdados de uma tradição positivista dos autores dos Institutos Históricos e Geográficos, sem dúvida uma grande influência nos três autores estudados – misturava-se a um processo de rememoração pessoal, muitas vezes relegada pelos próprios autores ao plano do “não confiável”, uma vez que se partia da crença de que a verdade da história estava nos documentos; crença essa muito útil nas produções que enfocavam algumas buscas por certas “origens” e episódios em que disputavam entre eles e outros historiadores locais o mérito de ser o “descobridor”.

No entanto, nos escritos enfocados, como o uso memória pessoal de cada autor é constante, faz-se muito necessário pensar na vivência de cada um deles na cidade, já que, como diz Catroga, o historiador formula seus questionamentos a partir de sua própria experiência, “de suas retrospectivas e esperanças” e de suas próprias memórias sociais, coletivas e históricas, o que revela não somente as preocupações do presente, mas também o já vivido e os sentimentos acerca da cidade.⁶ O passado da cidade mistura-se com a evocação do próprio autor, compondo uma relação “quente”, viva, com o pretérito, em que figuravam tanto a saudade quanto à apologia ao progresso.

A passagem de Ítalo Calvino em *Cidades Invisíveis* ajuda a pensar em como esses autores construíram suas visões da cidade:

Em Maurília, o viajante é convidado a visitar a cidade ao mesmo tempo em que observa uns velhos cartões-postais ilustrados que mostram como esta havia sido: a praça idêntica mas com uma galinha no lugar da estação de ônibus, o coreto no lugar do viaduto, duas moças com sombrinhas brancas no lugar da fábrica de explosivos. Para não decepcionar os habitantes, é necessário que o viajante louve a cidade dos cartões-postais e prefira-a a atual, tomando cuidado, porém, em conter seu pesar em relação às mudanças nos limites de regras bem precisas: reconhecendo que a magnificência da Maurília metrópole, se comparada com a velha Maurília provinciana, não restituem uma certa graça perdida, a qual, todavia, só agora pode ser apreciada através dos velhos cartões-postais, enquanto antes, em presença de Maurília provinciana, não se via absolutamente nada de gracioso, e ver-se-ia ainda menos hoje em dia, se Maurília tivesse permanecido como antes, e que, de qualquer modo, a metrópole tem este atrativo

*adicional – que mediante o que se tornou pode-se recordar com saudades daquilo que foi.*⁷

Apresenta-se então a relação dual: o que vem do passado é sempre bom, e muitas vezes pode se confundir com a “aurora”, com o amanhecer da vida, com a juventude do próprio autor (esse tipo de construção é corrente no discurso e não um mero psicologismo) e com o presente e o futuro como tempos de progresso. Na relação do jornalista com o homem de história, reside esta tumultuada ambigüidade, que mistura a saudade com a crença no futuro próspero que constata o irrefreável desenvolvimento da cidade.

Como mostra Sandra Pesavento:

O saudosismo é um traço que acompanha as leituras da cidade em face da modernização urbana. As desigualdades e os paradoxos do processo em curso se traduzem em formas discursivas que não precisam ser necessariamente desta ou daquela tendência, mas que combinam diferentes sensibilidades.

Desta forma, José de Castro Mendes anuncia em sua primeira coluna da série “Retratos da Velha Campinas” que um dos objetivos da série é entender que:

Para frente é a ordem que leva a humanidade ao encontro de seus desejos (...) um dia após o outro em perpétua evolução, mas o passado, esse fica dentro de nós como o bálsamo da velhice.

*Recordar é viver, e estas despretensiosas mas espontâneas crônicas traduzem (...) uma caminhada afetuosa pelos anos de minha juventude relembrando coisas de Campinas, minha bem amada terra natal.”*⁸

Percebe-se então, no discurso, que o “destino” da cidade era ser grande. A reconstrução do passado obedece a uma noção de previsão ao contrário, típica de uma “biografia de cidade”⁹. Campinas nasceu com o futuro pronto e, ainda que o cronista não caiba nesse tempo, ele não deve rechaçá-lo por completo, ou correria o risco de, num arroubo quase antipatriótico, negar a vocação primeira da cidade, que é desenvolver-se e atingir o máximo do progresso que uma

“metrópole” de seu tempo deve alcançar.

A Campinas do passado descrito é sempre colocada como uma cidade do século XIX (ainda que os escritos remetam às duas primeiras décadas do século XX), lúdica e pequena, marcando o contraste com a cidade do século XX, palpitante e grande.

A cidade ainda apresentava “o casario baixo e esparramado, com suas muitas janelas e compridos quintais cercados de taipa”¹⁰, ou “aqueles traços provincianos e coloniais”¹¹. O distante passado também tem seu “charme” carregado de romantismo, elemento importante na construção daquilo que a cidade era, como lembrado por Júlio Mariano na crônica “Campinas de há 50 anos”, ao descrever Campinas no ano de 1927:

*No todo, o que se descortinava à distância, da Campinas da época, era uma visão de cromo, deliciosamente romântica (...) e completando o romântico desse quadro-cromo, nas tardes campineiras o dourado-e-violeta do crepúsculo era ponteadado com as muitas centenas, ou muitos milhares, de andorinhas em revoada!*¹²

Colocação semelhante é traduzida em imagem por José de Castro Mendes no álbum *Retratos da Velha Campinas*. Reproduzindo em aquarelas fotos da cidade “antiga”, o autor a mostra sempre com ares provincianos, compondo um ambiente quase bucólico, como, por exemplo, na figura abaixo:



“Vista parcial da cidade de Campinas”.¹³

De certa forma, é construída uma visão da cidade como “cartão-postal”, ressaltando o que era admirado nessa cidade, o que deveria ser guardado na memória ou preservado e fixado à posteridade. Normalmente, isso não ocorre somente com construções, edifícios (como diz Ecléa Bosi, “as lembranças se apóiam nas pedras da cidade”)¹⁴, mas também com sentimentos, sensibilidades e costumes, expressos comumente como “o clima” de antigamente, que não mais se repete: o tempo dos “assustados”, dos *footings*, do terno e gravata, dos cassinos, dos antigos carnavais, dos vendedores de rua, dos *kioskes*, que se misturam com a própria vida – ou biografia - do autor, que fixa nos marcos da vida urbana que considera importantes seus próprios marcos de vida.

Assim, eventos maiores ou menores são então misturados à vida do autor: do trabalho no posto de comando durante a revolução constitucionalista de 1932, Brito evoca a “gloriosa missão” da cidade, um verdadeiro “centro de civismo paulista”¹⁵; da passagem de “Zek” Mendes, em sua infância, pela escola Francisco Glicério, ficou o registro de Campinas como um “grande pólo educacional”, repleto dos melhores professores do Brasil¹⁶.

Vivendo o dilema do homem moderno, como lembra Bermann, pelas colunas dos jornais e pelas ondas do rádio, vivendo um período de demolições e mudanças radicais no desenho urbano, a celebração x negação do progresso é também uma constante e de um dia para o outro se passava da crítica à derrubada dos marcos arquitetônicos à apologia às modificações realizadas.

Isso só é possível de se captar se atentarmos também para as crônicas do dia-a-dia, que dizem muito a respeito da produção de memórias por parte dos autores enfocados, uma vez que é parte constituinte do discurso histórico elaborado por eles. Quando o “homem de história” e o jornalista se confundem, as transformações urbanas e a cidade vivida também se misturam, compondo então uma visão diferenciada do passado e das mudanças urbanas.

É assim que Jolumá Brito, em crônica lida na rádio PRC-9 no final da década de 60, mostra essa dubiedade em relação ao desenvolvimento da “cidade-princesa”, expressa na frase final, após longa argumentação de como era o “destino” da cidade transformar-se, mudar:

Desaparecem os limites da vila provinciana e uma nova e moderna cidade surgindo aos nossos olhos atônitos, acostumados ao pequeno casario que nos legaram os homens do século

XIX...¹⁷

Porém, em outra crônica, escrita alguns dias depois, o tom amargo revela uma crítica aberta às demolições na região central:

*Pobre Campinas! Estão te mutilando, cortando, arrebatando, desfazendo aos pedaços em nome da civilização (...) rasgam a carne de suas ruas e sacrificam seu passado e tua beleza que custou centenas e centenas de milhões de cruzeiros (...).*¹⁸

Assim, frases como “a picareta do progresso que tudo destrói”, são constantes na abertura dos trabalhos sobre história, quando destinadas a lembrar algo já destruído ou que tivesse sobrevivido a esse processo. Dos três autores, o mais combativo nesse sentido foi Brito, mas tanto Mariano quanto Castro Mendes também expuseram em seus textos esse sentimento dúbio em relação às modificações.

Mas, ainda que essas transformações desconfigurassem a cidade que eles conheciam, as críticas contra elas normalmente eram apenas pontuais e não uma constante. Por mais que houvesse uma percepção negativa da mudança dos tempos, os três autores tinham um compromisso com a cidade presente. Como jornalistas e como pessoas públicas, chegaram a participar de algumas comissões para o incentivo do turismo em Campinas. A herança do “bairrismo campineiro” (perpetuada pelo cronista Leopoldo Amaral no final do século XIX), da qual diziam-se seguidores, também não permitia a condenação exagerada dos melhoramentos urbanos, ajudando a definir as visões elaboradas sobre a cidade.

É importante então compreender que a relação de Mariano, Brito e Mendes com Campinas ultrapassa as fronteiras da história. Como jornalistas, eles também foram, de suas formas, historiadores, cronistas e memorialistas urbanos e, como sujeitos urbanos, foi-lhes entregues o poder de definir e redefinir o passado da cidade.

Há de se pensar também que seus escritos ajudaram, de certa forma, a selecionar o que deveria ser preservado, com a busca e compilação de documentos (como os da Câmara Municipal de Campinas e do Centro de Ciências, Letras e Artes), a organização de acervos museológicos e até mesmo com a voz ativa destas figuras, com textos diversos sobre a

construção e “trajetórias” de bens arquitetônicos e a organização do patrimônio institucionalizado na cidade. Ajudaram também, a organizar comemorações, fixar datas, coleções e marcos que perduram até hoje na vida e nos estudos da cidade. Esta é uma parte a ser discutida com maior ênfase na dissertação.

Entretanto, eram pessoas que viviam pela cidade. Seus escritos são permeados de uma profunda ligação com ela, que sem dúvida influencia muito seus escritos. Uma produção acelerada de passados, com múltiplos significados, presos em uma rede muito mais complexa que uma simples construção “a serviço do poder”.

¹ Pesquisa em andamento, financiada pelo CNPq e orientada pela Profa. Dra. Silvana Barbosa Rubino do IFCH – Unicamp.

² Carpinteiro, Antônio C. *Momento de Ruptura: as transformações no centro de Campinas na década dos 50*. Campinas, CMU/Unicamp, 1996. Nesse sentido ver também: Santos, Antônio da Costa. *Campinas: das origens ao futuro*. Campinas, Ed.Unicamp, 2002 e Semeghini, Ulisees. *Do café à indústria: uma cidade e seu tempo*. Campinas: Ed.Unicamp, 1991.

³ Mendes, José de Castro. “Retratos da Velha Campinas”, in *Revista do Arquivo Público Municipal*, São Paulo, DMC, 1951.

⁴ Jolumá Brito escreveu 27 volumes da *História da Cidade de Campinas*, além dos livros *Tônico de Campinas*, uma biografia de Carlos Gomes, *História da Cidade de Paulínia* e alguns outros feitos por encomenda, manteve durante muitos anos a coluna “Bazar” no Diário do Povo, onde comentava o dia-a-dia da cidade. Júlio Mariano publicou *Campinas de ontem e anteontem*, *Badulaques* e *História da Imprensa em Campinas* além do livro de poemas *Nebulosas* e dos folhetos *Do bondinho da Tração aos elétricos da Carril* e *As boas qualidades do Sr. Dom Diabo: autos de um inquérito litero-demonológico*, Mariano também publicou nos jornais inúmeros contos, a maior parte deles ambientados em Campinas. O primeiro trabalho de José de Castro Mendes foi o álbum *Velhas Fazendas Paulistas*, de sua coluna “Retratos da Velha Campinas”, publicou, na Revista do Câmara Municipal de São Paulo, grande artigo homônimo, com pinturas e textos. Foi também idealizador, no final da década de 1960, do suplemento *História da Cidade de Campinas*, impresso pelo Correio Popular.

⁵ Nora, Pierre. “General Introduction: Between Memory and History” in Nora, Pierre (org) *Realms of Memory: rethinking the French past (vol. 1: Conflicts and Divisions)*. Columbia University Press, 1996.

⁶ Catroga, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Ed. Quarteto, 2001, pp.45-48.

⁷ Calvino, Italo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003, pp.32-33.

⁸ Mendes, José de Castro. “Reminiscências da Cidade” (série *Retratos da Velha Campinas*) op.cit, 1945 (s/d).

⁹ Lofego, Sílvio Luís. *Memória de uma Metrópole: São Paulo na obra Ernâni da Silva Bruno*. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2001, p.15.

¹⁰ Mariano, Júlio. “Violino, flauta, violão e cavaquinho: retalhos de memória da pequena e romântica Campinas do primeiro quartel do século”. *Correio Popular*, Campinas: 07/06/1967.

¹¹ Mendes, José de Castro. “Documentário de duas épocas – Campinas de ontem e de hoje: contrastes, personagens e empreendimentos que figuram na história da ex-província de São Carlos – costumes e hábitos da gente de outros tempos”. *Correio Popular*, Campinas: 21/03/1954.

¹² Mariano, Júlio. “Campinas de há 50 anos: quando se fundou o *Correio Popular*” *Correio Popular*, Campinas: 04/09/1957.

¹³ Mendes, José de Castro. *Retratos da Velha Campinas*. São Paulo: Revista do Arquivo Municipal, 1952, p.134.

¹⁴ Bosi, Ecléa. *Memória da cidade: lembranças da cidade*. Estudos Avançados (on-line). 2003, vol.17, nº 47, pp.198-211 www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-401420030001000012&lng=en&nrm=iso ISSN 0103-4014, p.200.

¹⁵ Brito, Jolumá. “Bazar” in *Diário do Povo*, Campinas: 09/07/1957.

¹⁶ Mendes, José de Castro. “A Escola” (série *Retratos da Velha Campinas*) in *Correio Popular*, Campinas: 1945 (s/d)

¹⁷ Brito, Jolumá. *A Crônica do Speaker*. Rádio PRC-9, s/d. Manuscrito disponível no Centro de Memória da Unicamp.

¹⁸ Brito, Jolumá. “Bazar”, op.cit, 03/09/1957.